

CAUSA

“ Que te fiz eu, dizia uma parede a um prego,
Que me enterras o dente e me furas por nada? „
E o prego: “ Que sei eu, tola? sou como um cego;
Pergunta a quem me racha a cabeça a pancada. „

SALVE, CESAR!

Saúde, Rei e Imperador, saúde!...
Soberano de um seculo ou de um dia,
Já no throno da morte, o ataúde,
Para dormir o somno derradeiro,
E' por elle que chora o mundo inteiro!
E é por elle que brama a artilharia!...
Salve, Cesar na morte e rei na dor!...
Salve, Cesar no throno e na agonia!...
Saúde, Imperador!...

Quando a primeira vez o mundo o vira
Era em Sadowa, sobre as esplanadas:
Entre o rumor convulso das batalhas,
Ao fuzilar dos raios das espadas,
Em *mise-en-scène* rubra de pelouros,
Elle passava impavido entre as alas,
Sob uma espessa abobada de balas,
Coroadado de louros!...

Depois, era em Sédan; a França altiva
Vira do Corso a gloria despertada
Clamando rediviva *urrahs* a Fritz!
E as aguias de Marengo e de Austerlitz
Pousaram-lhe na espada!...

Dorme agora no somno derradeiro,
E é por elle que brama a artilharia,
E é por elle que chora o mundo inteiro!...
Salve, Cesar, no throno e na agonia!
Salve, Cesar, na morte e rei na dor!
Salve, Cesar, saúde, Imperador
Frederico III!...

1888.

ELEGIA

Exultem os atheus
Da seita que de ha muito a turba exhorta
Proclamando *urbi et orbi* a poesia morta,
E' morto João de Deus!

12 de Janeiro de 1896.

LENDA ARABE

O chefe Ben Adhem (Para sempre bem dita
Seja a tribu de Adhem pela santa Mesquita,
Segundo o ritual dos arabes) dormia,
Cansado do labor fatigante do dia,
Quando acorda alta noite, e vê um Anjo perto
De sua cama, com um livro de ouro, aberto,
Onde attento escrevia.
O chefe Ben Adhem que, sonhando ou desperto,
Jamais se acobardára em luta no deserto,
Não ia apavorar-se agora do que via;
Assim, como se visse e falasse a um dos seus,
Voltou-se e perguntou ao Anjo o que queria.
"Registro neste livro os que adoram a Deus",
O Anjo respondeu-lhe. E o chefe Ben Adhem:
"Então, meu nome deve estar ahi tambem".

“ Não está „. E Ben Adhem :

“ Pois bem, inscreve-o antes

“ Entre os que, mais que a Deus, amam seus semelhantes,

Aos homens, meus irmãos. „ O Anjo assim o fez

E desapareceu.

Mas voltou outra vez,

Desta vez sob a luz de uma aureola rara,

Trazendo, o mensageiro,

Os nomes dos fieis que Deus abençoára ;

E Adhem olhou e leu. . . Seu nome era o primeiro.

B A T T A G E

Toda a raiva do Mar, ira e colera, em summa,
Não passam da expansão de um grande *bluff*, espuma.

RELIQUIA DE MAHADURA

No templo de Mahadura existe este thesouro,
Dadiva dos fieis: um par de botas de ouro,
Obra acabada e feita a capricho; além d'isso,
Acolchoadas de lã, de ouro fino e macisso,
São, numa redundancia, um primor de obra prima;
Porém, tão grandes que . . . não cabem nesta rima.
Essa joia sem par, divinamente pura,
E' o calçado de Deus, tal a crença em Mahadura.
O facto é que em Mahadura ha tão ruins caminhos,
Ora aqui capinzaes eriçados de espinhos,
Ora ali matagaes, perfurados de grótas,
Que Deus, para os trilhar, necessita de botas.
Depois, como Elle vae — tal a crença em Mahadura —
Muitas vezes por lá, um par pouco lhe dura,
E a conta é que o Senhor consome, salvo engano,

Nas idas a Mahadura, um parzinho por anno.
Mas se as botas se vão, uma coisa perdura,
E essa coisa, está claro, é a crença em Mahadura.
De sorte que o Senhor, mal acalcanha um par,
Inda bem não precisa, encontra outro no altar;
O clero... o clero não, mas a nobreza e o povo
Acodem promptamente e dão-lhe esse par novo.

O melhor é que ha sempre em Mahadura uns atheus
Que insistem em negar a existencia do Deus.

O AFOGADO

O mar, o velho mar, disse-me um dia
Rojando á praia o busto venerando :
"Mortal, ha lá n'aquella penedia
Uma mulher chorando.

Vae mitigar-lhe o pranto, que a devora
A dôr pungente do ideal desfeito ;
Dize-lhe que esse por quem ella chora
Repousa no meu leito.

Dorme em meu leito de algas e de areias,
Junto de um bosque de coraes e perolas ;
Velam-no tres delphins ; e tres sereias
Acalentam-no querulas.

Dize-lhe mais, que o proprio Rei dos mares
Ouviu do caso com terror e magoas,
E que ao sabe-lo arremetteu de esgares,
Apostrophando as agoas.

O velho Rei, outrora omnipotente,
Mas grande e nobre como um paladino,
Não passa de joguete inconsciente
Nas garras do Destino!...„

AS MONTANHAS

Vejo as montanhas juntas conspirando
No fundo do horisonte.
Um monte venerando
Levanta calvo e sobranceiro a frente
E parece fallar com voz de mando.
Um fremito de guerra
Percorre-as monte a monte
E agita toda a serra...

Deus, meu Deus, o que querem as montanhas?!...

Uma entre todas cuja altura aterra,
Como antevendo a gloria das façanhas,
Ergue o pico irascivel!...

O' Deus, meu Deus, vinde applacar-lhe as sanhas!
Livrae-nos, se é possível,
De uma guerra de morte das montanhas...

MERITO

Na lucta pela vida
Uma alma vil bem pode, sem tropeço,
Levar uma alma nobre de vencida
(E mais de uma conheço)
Como uma pedra, que sem ser polida,
Pode esmagar a perola de preço.

A CARIDADE

Uma vez, numa dessas mascaradas,
Encontrei phantasiadas
As tres virtudes santas da Escriptura.
Vinhão de branco; cada qual mais pura.
Na sua nivea, immaculada alvura,
Tão branca, tão diaphana que, em summa,
Eu, sem difficuldade,
Conheci uma a uma:
Taes a Fé, a Esperança e a Caridade.

Entretanto, pensava: "Serão ellas,
Senhor, estas donzellas?
E se eu tirasse a prova..."

E me occorreu uma idéa:
Dei o braço á mais nova,
E levei-a
Para a ceia.
— “ *Milady*, fui dizendo, não se acanhe,
Que por isso é que a gente se mascara. ”

Mas estoura o *Champagne*
Com tal alacridade,
Que ella assusta-se, treme... e embalde ampara
A mascara na cara.

Desmascarada, *Lady* Caridade
Era a pura Vaidade.

EDUCAÇÃO

Eis a mais artificial
Entre as flores de panno
Da rhetorica governamental
De um tyranno,
E o rebento mais novo
E ainda o mais natural
De um bom governo constitucional,
Do povo,
 pelo povo,
 para o povo.

A CARAVANA ESPECTRO

(LENDA ORIENTAL)

Sob a tenda do céu desannuviado e morno
Repousamos no Sahara em caravana errante;
Branquejam pela areia as ossadas em tórno,
Banha o luar, no Nilo, o planalto distante.

Ao relento, na brida, avulta a forma vaga
Da cavalhada esparsa ; e os nossos beduinos,
Este a mão sobre a lança, outro ao punho da adaga,
Sobre o leito da sella, acampam resupinos.

Vago, plumbeo, silente, o horisonte vasio
Alarga-se sem fim. Desgarrado do bando,
Corta apenas o espaço um passaro tardio,
Ou relincha um corcel, impaciente escarvando.

Mas, de súbito, como ao varrer do sirôco,
Freme todo o areial, alto a areia espadana;
Desperta a nossa caravana; pouco a pouco,
Vae-se erguendo do solo uma outra caravana.

E' a caravana espectro! Animam-se com vida
As ossadas de pé, ao luar mal aberto;
Os cavallos, bufando, empinam-se na brida;
Fogem, de lado a lado, os séres do deserto.

Esta é a noite da lenda, esta a estranha paragem
Dos romeiros de então, cuja crença depreca
Que, refeitas na morte as forças da viagem,
Retomem novamente o caminho de Mecca.

E do pó, que o suão torvelinha em novellos,
Ergue-se uma legião morta de peregrinos;
Surgem, de toda a parte, espéctros de camellos,
Esqueletos a pé, sombras de beduinos.

E elles vão, atravez dos comoros enormes,
Agitando, ao luar, farrapos de sudarios;
Fazem de aparições carcassas multiformes,
Derviches cavalgando ossos de dromedarios.

Cataclysmo de mar que a planicie alagára,
Elles enchem-n'a até onde a vista se embebe;
A caravana espéctro estende-se do Sahara,
Pelo rumo de Mecca, alem Bab-el-Mandeb.

Foram elles que, outr'ora, os abutres damninhos
Devoraram, já restos de hyenas rapaces;
Esta a ossada que nós calcámos em caminho!
Este o pó que o simoun nos atirou ás faces!

E nós vemol-os indo, ao rangido dos ossos,
Pandemonio espectral, sob os raios lunares,
Os sudarios roçando os turbantes dos nossos,
Solemnes, atravez das dunas seculares.

Interrogue-se embora esse que empunha o sceptro
Dos destinos, o Ser de onde a vida dimana:
Allah, porque é que marcha a caravana espectro?
Quando hade descançar a morta caravana?...

Elles vão... Amanhã, da extranha cavalgada
Apenas restarão, mal o dia desponte,
O deserto de areia, ossada sobre ossada
E a poeira que o vento agita no horisonte.

Então, eis que, ao findar do pesadelo arfante,
Tudo se esvai! Resurge o deserto tranquillo...
Um corcel, relinchando, aclama o sol levante;
Desvendam-se, na frente, as montanhas do Nilo.

INCOGNITO

Inscrição encontrada em Said, no templo d'Iris:
*Eu sou quem sou, quem fui, quem heide ser,
Emquanto, ó infelizes!
Não romperdes o veu em qu'envolvi meu Ser.*

EXPANSÃO

I

“ Eia, arvores, a pé! „ Disse um dia a Floresta
Levada pela idéa archifunesta
De fazer guerra ao Mar,
Conquistar-lhe as fronteiras e alargar
Os seus dominios para além do Mar;
E quem o furor biblico da empreza
Visse, diria: “ O mar não a resiste, „
Pois cada tronco era uma fortaleza
E cada galho era uma lança em riste.
E as arvores raivosas, imprecando,
“ Morra! „ bradavam, ramalhando o espaço.
Té que a Floresta ergueu a voz de mando,
E as arvores, coitadas! infelizes!
Pegadas ás raizes,
Não deram um só passo.

II

Mas, a seu turno, o Mar, sabendo-lhe os designios,
Teve a idéa funesta
De alargar seus dominios,
E declarou tambem guerra á Floresta.
“ Eia, ondas carniceiras !
— Bradou com voz olympica e stentoria —
Eia, á conquista, á gloria,
A' gloria de alargar nossas fronteiras. „
E assim, cheio de colera — espumante,
Foi o dorso das aguas empolando ;
Impou, como um gigante ;
Rugiu, rugiu, como um leão sem peia,
Cresceu, cresceu da altura do Himalaya,
E mais rugia e mais crescia, quando
Escabujou na areia
E foi morrer na praia.

AMBIÇÃO

Pobres! num só colchão podem caber uns tres,
Mas o maior imperio é pouco p'ra dois reis.



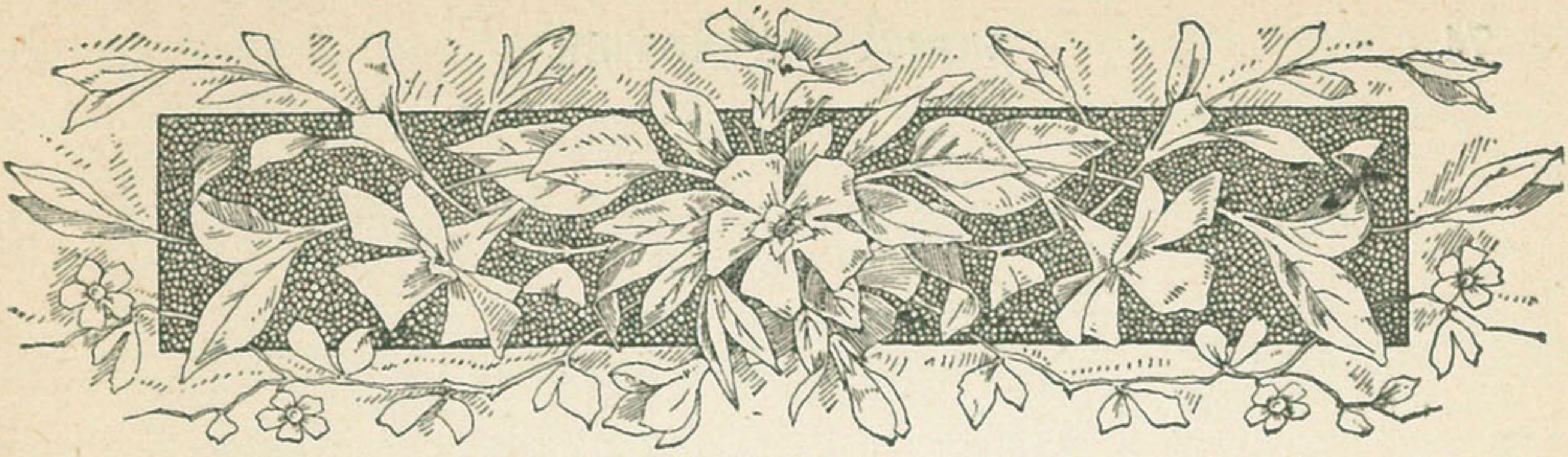
CLOWNS



W O R L D

*Saltem os clowns empoados
Batendo os guisos da rima.
Gwinplaines sarapintados,
Saltem os clowns empoados!*
*Metros desarticulados
Pelo exercicio da esgrima,
Saltem os clowns empoados
Batendo os guisos da rima!*

Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page.



ROAST-BEEF

(A ARTHUR AZEVEDO)

Ella tem a belleza, a flacida estructura,
Os contórnos viris, geometricos, altivos,
A branca carnação dos bons modelos vivos
Do magico buril dos Phidias da esculptura.

Resumbra-lhe a epiderme — alvissima textura —
Os philtros sensuaes, os toxicos lascivos,
Que aos martyres da Fé, aos crentes primitivos,
Serviram de adoçar o calix da amargura.

Ao vêl-a, não cubiço os ocios d'um nababo,
Nem penso n'um cavallo elastico do Cabo
Para furtal-a ás mãos de um Jonathas patife,

Ouçõ um côro ideal e harmonico de beijos!
E sinto fervilhar-me o pégo dos desejos
De um Tantalõ faminto em face de um *roast-beef!*

A MULHER DO PALHAÇO

Eu ando triste, mudo, atrabiliario,
Persegue-me a visão de um sonho vago;
Tenho as tristezas tetricas de Mario
E as solidões sinistras de Carthago!

Nem saiba o mundo; tabido sudario
Envolva-me a paixão que em mente afago...
Vou em meio caminho do Calvario
E desconheço a cruz que aos hombros trago!

Desconfio de alguém. De longa data
Conto entre as minhas relações ignotas
A graça esculptural de uma acrobata!...

Muita vez *á sahida* dei-lhe o braço...
E inda tenho presente as cambalhotas
Que ella dava na ausencia do palhaço!

SOBRE UMA PAGINA

SCENA TRAGICA

Erecta, macilenta, esqualida, abatida,
Na fronte impressa a dor,
Ella avançou assim, — Medéa precedida
De um cortejo de horror!
E brandia febril, raivando como hyena
Um ferro nú na mão!...

Foi quando ouviu-se a voz do director de scena:
— Bravo! bravo... a expressão!

CARLOS TORISCO

O *lazzaroni*, a loura creatura,
Essa creança pequenina e bella,
Concebeu-a Correggio n'uma téla
Ou Gopil n'uma esplendida gravura!

Eu vejo-a quasi sempre, e sempre ao vel-a,
Sinto n'alma . . . não sei! . . . se m'e afigura
A densa treva de uma noite escura
Varada pelo raio de uma estrella.

— Eil-a o peito de fóra, a fronte aberta,
Viva, animada, sobre a téla incerta
Contrafacção bem dita de Gavroche . . .

Não é somente um sonho da palheta;
Vive! e para viver vende a *Gazeta*
Ás portas do Cruzeiro e do Deroche.

Rio de Janeiro.

CARTA A VIZINHA

Rogo-lhe aqui n'este abraço
Desta carta mal rimada,
Que vá de dia ao terraço
E chegue á noite á sacada.

Pois o moço de monoculo
Que habita o segundo andar,
Dia em que a vê por um oculo
Passa de noite a chorar.

Recife.

A L U A

(A VALENTIM MAGALHÃES)

Tu tens um *que* da tripode inspirada,
Quando, erguida nas lucidas esferas
Como uma copa sobre mim vasada,
Inundas-me de sonhos e chimeras.

Eu déra o beijo das paixões sinceras
Na tua fronte pallida, escalvada
Como a bossa d'um sabio illuminada
Que faz vivenda n'um covil de feras...

Eu quebrara-te a taça em holocausto,
Fôras a eleita do meu peito exausto,
Fôras talvez meu unico conforto...

Não te visse no pó das elegias,
Nem boiando nas fundas calmarias
Como um cetáceo morto!

MUSA DA ARCADIA

(A ARTHUR DE OLIVEIRA)

Leôa audaz de válida pujança,
Pezar que pouco custa amordaçal-a,
Não quiz trazer a Musa á tua sala
Para saudar os annos da creança.

Hylida talvez quizesse ouvir-lhe a fala,
Um riso, um threno, um canto de esperança...
Para outra vez, Arthur, eu trago-a mansa,
Não falta tempo, amigo, heide amansal-a.

Então, vencendo d'Hylida os olhos pretos,
A causa do temor que agora invade-a,
Hade trovar bellissimos tercetos:

—O' Beatriz morena d'outro Dante,
Deus te preserve das canções da Arcadia,
Flôr na beldade, arroio bem falante!

Rio de Janeiro.

EM TRAJOS MENORES

Farto de tédio, de illusões descrente,
Deixei os ocios de uma vida gasta;
Vim habitar um commodo excellente
No bairro onde germina a melhor gente
Da flor burgueza de fidalga casta.

Mandei cortar sem pena o meu cabelo,
Aquella cabelleira de poeta!
Tornei-me o *chic* do *leon* modelo,
Deito elegancia de chapéu de pello
Badine, luvas e *lorgnon* — luneta.

Por comprazer de publicar volumes
Já não traduzo a lyrica hespanhola;
Detesto o canto — inspiração dos *rhums*,
Fiz do meu estro ferro de dois gumes,
Tornei-me vate da moderna escola.

Acero as rimas — dentes — Ugulinos,
O' craneos regios da suprema boda!
Bruno as espadas — os alexandrinos,
Leio Le Comte ruminando uns hymnos
E adoro os fetos d'esse aborto — a moda.

Mora defronte uma vizinha blonde
Como a santa de um nicho enluarada.
Dizem-na filha unica de um Conde;
Só pela tarde, quando o sol se esconde,
E' que apparece a bella enamorada.

E sempre, ás mesmas horas, ao sol posto,
Vem á janella espairecer na rua.
Doira-lhe a frente a sombra de um desgosto,
E a côr marmorizada do seu rosto
E' como a madreperola da lua.

Entre os flocos de gaze da cortina,
Como a lua, entre nuvens se balouça;
Bianco vestita como a Fiorentina,
Ella apparece quando o sol declina,
E ninguem sabe o que deseja a moça.

Nunca um sorriso ou lagrima furtiva
Viu-se rugar a tez da face sua;
Ella se mostra quando o sol se esquiva,
E na face da bella pensativa
Essa tristeza pallida da lua.

Quando a treva desponta ou luz a aurora
Banha o nicho vazio da madona;
Ella resurge quando o sol descora,
E abandona-se, ás tardes, onde mora,
Como a lua nas noites se abandona.

Entro á uma hora no café Meirelles,
 Ponho-me ao facto das questões da berra.
 — Vejo defronte as *victimias imbelles*,
 Uns tristes bardos que cantaram elles
 E a *virgem santa* que restava á terra.

Pobres! são elles, desditosos Pietros
 E as dores fundas que lhes pungem n'alma:
 Trouvaram virgens em diversos metros,
 Hoje carregam as visões dos plectros
 Bem como outr'ora do *martyrio a palma*.

Tenho dois pagens — creações divinas! —
 Dois pequenotes tremulos moleques;
 Muito pansudos e de pernas finas,
 Semelham-se-me aboboras meninas
 A caminharem sobre dois espeques.

Filhos da lenda estúpida e sem nome
 De um duque Job que amára a mãe mulata,
 Os jovens nobres como tinham fome,
 Longe do pae que lhes negára o nome,
 Vieram servir o bardo democrata.

O menor d'elles — talentão precoce! —
 Sofre a nevrose-realismo aguda.
 Trucida o romantismo estrophe a estrophe,
 Conhece o Zola pelo *Regabofe*
 E não supporta uma visita muda.

Recita ponta a ponta o *Saltimbanco*,
 Sobe da fralda ao pincaro (prodigio!)
 Atira longe, incommodo, o tamanco,
 Galga ligeiro o pulpito de um banco
 E prega em nome do barrete-phrygio

—Con-ci-da-dãos!... e fita-me o sobrolho,
Eleva ao ar a pequenina mão,
Gruda um monocl'ô de papel n'um olho...
E não ha quem não veja no pimpolho
A miniatura exacta do Trovão!

Como dois sóes de madrugada fria
Batem-me á alcova estas *manhans bastardas*;
E eu saboreio o meu café do dia
Na porcellana branca da alegria
Á luz dos olhos das *auroras pardas*.

Emquanto espero o grito que me chama
Ás aguas claras de um banheiro vasto,
Entre as alfombras dos lençoes da cama,
Sigo na pista, como um cão de fama,
Da rima a lebre de que busco o rasto.

Á tarde a bota ao *lazzaroni* engraxo,
Passeio o bairro — imposições da hygiene! —
É quando a negra da vizinha em baixo
Sacode a lama secca do capacho
Com seu sorriso chronico — á Gwinplaine.

O MONSTRO

O monstro que me rõe
É d'este clima avesso . . .
Como qualquer heroe
Não se esculpiu em gesso.

Como ao revel de Inspruck
Eu lhe neguei ingresso,
Mas elle e seu chibuck
Habitam-me, confesso.

Uma argamassa ossea,
Uma fusão de brumas . . .
Eu o defino assim.

O' criação da Escocia,
Emquanto fumas, fumas,
Eu te acclimato — *spleen!*

O PAGEM

(TRAGEDIA NÃO REPRESENTADA)

*O voi che avete gl'intelleti sani,
Mirati*

DANTE.

*Pelo titulo, PAGEM, vê-se logo
Que fui pedir o heroe desta tragedia
Aos tempos idos da cavallaria.
Não é, porém, um sonho de poeta ;
Antes que de Plagiario alguém me acoime,
Manda a verdade mesmo que se diga
Que foi bebida em chronicas inglezas.
E' uma historia de amor, mas bella e nova,
Tanto mais nova quanto (que descuido!)
Nenhum dos bardos de Albion brumosa,
Shakespeare ou Dryden, nenhum delles
Julgou-a digna de seu anglo engenho.
Que grande entrecho de tragedia, emtanto,
Ia perdido pelo pó das eras!*

*Byron, comtudo, no explodir da imagem,
 Quando na febre do seu genio errante,
 Talvez sentisse no sonhar do Lara
 A visão tentadora de meu pagem.
 Mas não, nem tanto... Trégoa ao devaneio;
 Ao poema, ao poema! o entrecho é largo
 E é tempo de dizer, se mais não fôra,
 Dos*

PERSONAGENS

*Allan da Bretana,
 O Conde Millo, Lord Condestavel
 Da Inglaterra, Arabella, sua esposa,
 Servos, um Bobo... e é tudo.*

*A scena passa-se
 A' vista de Gloucester, onde habita
 Um soberbo solar do mesmo nome
 O Condestavel.*

*Tempo o de Estephanio,
 Seculo XII, conseguintemente.*

ACTO I

Da tragedia (sic)

SCENA I. *A scena representa
Um aposento nobre do castello,
Lanças, espadas, guantes e panoplias,
Todo um trophéo polido de armaduras
Adorna-lhe as paredes mediévas.
Entre-parenthesis: o vestuario,
Accessorios, mobilia e o mais preciso
A' mise-en-scéne esplendida da peça
Encontram-se no Scott e figurinos
Da idade média. Fecha-se o parenthesis.*

Apita o pano

*Um personagem calvo,
Frente branca de cal, como entaipada
De uma argamassa espessa de pó branco,
Bocca rasgada a rouge e pelos olhos
Pingando como lagrimas dois grossos
Pontos de intergeição de tinta preta;
Physionomia pandega e risonha,
Todo empoado, a tilintar os guizos
Que lhe pendem do fato em bambinelas;
Bluza e calções de côres variegadas,
Perfeita orgia de amarello e roxo,
Azul e branco, bacchanal de cores,
Um todo, em summa, de jogral de côrte
Dos tempos que se foram, surge em scena.
Corteja a casa... pondo a calva a mostra,
E principia*

O BOBO (*sorridente*)

Boa noite, torrinhas e plateia,
Ladies gentis e gentlemen do sport,
 Coube-me por sorte
 Um papel secundario
 Nesta noite de estreia,
 O de anunciar (Deus sabe com que pena!)
 Da parte do empresario
 Que a peça anunciada
 Não sóbe mais á scena.

(*Rumor de pateada*)

Eis o motivo:
 Não sóbe, simplesmente,
 Porque acabou de ser representada,
 Inesperadamente,
 Ao vivo,
 Pela *ingenua*, o *galan* e o *velho centro*,
 Bastidores a dentro.

(*Signaes de impaciencia na plateia*).

AS TORRINHAS: Hom'essa!

O PARTERRE: Que idea!

O BOBO (*continuando*): Meus senhores,

Eu que vos falo á pressa,
 Enfrornado em pyjamas multicores,
 Era o Bobo da peça.
 E sem ter tempo de mudar de fato
 Eis-me em publico e razo
 Para explicar o facto...

O Lord Condestavel

Era o *centro*, casado na tragedia

E na vida real com Arabella.

Como a scena se passa á luz da rampa

Fora pouco dizer; é bom saber-se

Que tal e qual jogou-se entre os actores

Nos bastidores.

Allan, um guapo moço da Bretanha

(Eis o que reza a chronica da peça)

Vai, por ordem do principe Estephanio,

A um reino amigo e principe alliado

Levar uma mensagem bellicosa

Contra a rainha Maggie de Inglaterra

Por cujo reino tem de abrir passagem.

Maggie, a rainha, prevenida em tempo,

Faz abortar a entrega da mensagem;

Cérca a fronteira de espiões e guardas,

Põe a cabeça a premio ao mensageiro,

E, dentro em pouco, o intrepido enviado

Cai nas mãos de seu Lord Condestavel.

Porém o Lord (sempre é Lord o Diabo)!

Triste da sorte que aguardava o moço,

Ou fosse porque em epocha remota

Um ascendente do *galan* intrepido

Salvára a vida a um seu antepassado,

Como se dá nos dramalhões antigos,

Jura por sua vez salvar-a a Allan;

E assim promette que o fará, mandando

Reconduzil-o na manhã seguinte

São e salvo á fronteira por um pagem.

Ora, acontece que a Arabella (a *ingenua*)

Bella esposa do Lord Condestavel,

Ouve do plano, e na manhã seguinte,

Apparição divina e deslumbrante,

Loura da côr do Sol, como talhada

Na neve e luz de que se fez Ophelia,
Mais divina, porém, muito mais bella,
Surge em traje de pagem Arabella...

Para que mais, se se antecipa o resto?
Reticencias. E desde esse momento
Não mais se soube do *galan* nem d'ella.
Quanto ao *centro*, procura-os incançavel
No seu papel de Lord Condestavel.

Eis a peça em resumo, ou pelo menos
Tal como foi representada ao vivo
Pela *ingenua*, o *galan* e o velho *centro*,
Bastidores a dentro.
Póde faltar-lhe tudo: estylo e arte,
O proprio *clou*, mas o que não lhe falta,
Antes sobra-lhe e muito, é ensinamento.
Se é este (o ensinamento) o fim do drama,
Recebam-na com palmas e com flores,
Que jámais tão legitimo successo
Coroou nunca decantado drama
Do auctor novel, antes de vir á scena.

EPILOGO

Por ultimo, eu quizera
(E assim pensou tambem o auctor novato)
Philosophar, a titulo de epilogo,
Umás tantas ideias sobre a escola
O proprio auctor e a these debatida,
A these sempre nova do adulterio,
Mas temo que plateia e galeria
Bocejem somno, victimas do epilogo.
Comtudo, a ideia não naufraga ao certo,
Se uma parte do publico presente,
Afeito ás coisas theatraes da moda,
Perscrutar *la dottrina che s'asconde*
Sotto il velame degli versi strani.

AO SILVESTRE DE LIMA

Ai, que perfume de lima!
Ai, que perfume silvestre!...
Até me provoca a rima,
Ai, que perfume de lima!...
Vê tu, Silvestre de Lima,
D'onde o perfume, Silvestre...?
Ai, que perfume de lima!
Ai, que perfume silvestre!...

ANDALUZ

Oigas hablarme un español tan fiero
Que no hablaba Sancho, el escudero,
Y me tómas a mi por andaluz!
Pero, soy hijo de la ardiente España,
Tierra de niñas de belleza extraña
Y del cielo de luz.

Y como és tu tambien de Andalucia,
Acojeme en tu seno, hermana mia,
Que asi me quedaré por una vez...
(E's mil veces mejor, mil veces mil;
No lo dirá que un vate del Brasil
Ha tenido a sus piés.)

ESTUDANTINA

Visinha do andar de baixo,
Quando regar suas flores,
Lance um olhar para cima
Para regar meus amores.

IXORA

Depois de cheiral-o bem,
Um fabricante opinou:
Não ha no mundo ninguem,
Depois de cheiral-o bem,
Que creia existir alguem
Que vença nisto o Pinaud;
Depois de cheirar Lubin,
Um fabricante, o Pinaud.

CÉO ABERTO

Sonho : era o chaos, treva, barulho
E o céu partido em mil pedaços ;
A terra afunda num mergulho
Rolando solta nos espaços ;
Eu, já se sabe, vou de embrulho,
Rólo também, mas nos teus braços . . .
Acordo, enfim. Foi um esbulho,
Não ver o céu em mil pedaços
A terra funda, num entulho,
E eu só rolando nos teus braços.

SEGREDOS

Ha dois segredos que a mulher querida
Ou a melhor metade
Occulta ao homem : um é a metade
De sua vida,
Outro a metade
De sua edade.

O EPIGRAMMA

O epigramma é uma sentelha
Do espirito do Diabo,
Faisca como um pyrilampo; e, ao cabo,
Se assemelha
A uma abelha,
Por ter ferrão no rabo.

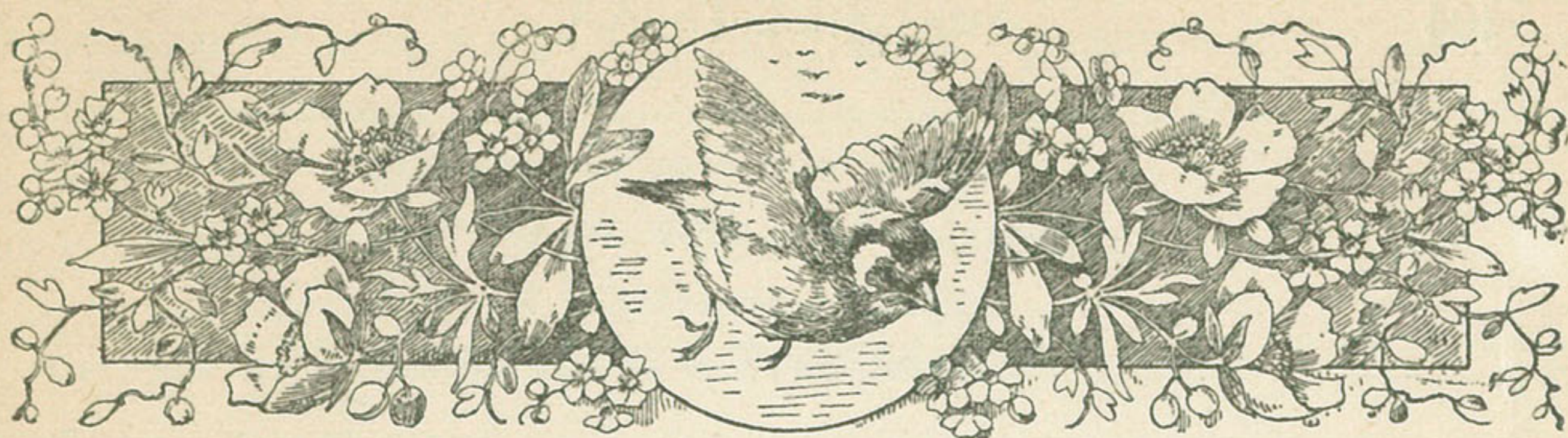


RUINAS



*São as aves das ruínas
As almas das coisas mortas.
Como do mar as ondinas
São as aves das ruínas...
—Se as illusões que assassinas
Baterem-te ás negras portas,
São as aves das Ruínas,
As almas das coisas mortas.*

Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page.



FLOR DA DECADENCIA

Sou como o guardião dos tempos do mosteiro !
Na tumular mudez d'um povo que descança,
As criações do Sonho, os fetos da Esperança
Repousam no meu seio o somno derradeiro.

De quando em vez eu ouço os dobres do sineiro :
E' mais uma illusão, um féretro que avança . . .
Dizem-me — Deus . . . Jesus . . . outra palavra mansa
Depois um som cavado — a enxada do coveiro !

Minha'alma, como o monge á sombra das clausuras,
Passa na solidão do pó das sepulturas
A desfiar a dôr no pranto da demencia.

—E é de cogitar insano n'essas cousas,
E' da suppuração medonha d'essas lousas
Que medra em nós o tédio — a flor da decadencia !

*

SPLEEN

Tenho um phantasma secreto
Como um *virus* deleterio . . .
Às vezes traja de Hamleto
Com scenas no cemiterio.

N'uma idéa que interrogo
Vejo o mal que a mim impelle-a . . .
Fito craneos, monólogo,
Tenho saudades de Ophelia.

As minhas visões passadas,
As andorinhas de outr'ora,
Levantam-se em revoadas
Caminho de nova aurora,

E sobrenada-me e boia
A negra duvida immensa
Como um abutre de Goya
Sobre o cadaver da Crença! . . .

Às vezes creio que cessa
Dentro em mim uma existencia:
Parece erguer-se uma eça
E uns córos á Providencia!...

Estive pensando agora
Que na verdade eu quizera
Que bem se dêsse em tal hora
A morte de uma Chimera.

A Phantasia — essa magica,
A causa de tudo aquillo,
E' mais ardente e mais tragica
Que Shakspeare e Eschylo!

Um ventre que sempre aborta
E cada abôrto é um louco!...
Quem me dera vel-a morta
Torturando-a pouco a pouco!

*
* *
*

Carregou-me tanto o tedio
Do dia d'hontem, que em summa,
Suppuz-me um vate-epicedio,
Velho fetiche da bruma.

Desbrochou-me a flor da magua
Sobre os pallores da fronte
Como antes da carga d'agua
O claro sol no horisonte.

Quando o crepusculo veio
Tive um raio de esperança:
Vi o céo rachado a meio
Pelo arco da alliança!...

POMO DO MAL

Dimanam do teu corpo as grandes digitalis,
Os filtros da lascivia e o sensualismo bruto!
Tudo que em ti revive é torpe e dissoluto,
Tu és a encarnação da synthese dos males.

No entanto, toda a vez que o seio te perscruto,
A transbordar de amor como o prazer de um calix,
Assalta-me um desejo, ó gloria das Omphales!
—Morder-te o coração como se morde um fructo!

Então, se dentro d'elle um mal que á dôr excite
Contens de mais que o pomo esteril do Asphaltite,
Eu beberia a dôr nos éstos do delirio!...

E podias-me ouvir, excentrico, medonho,
Como um canto de morte ao rythmo d'um sonho,
O poema da carne a dobres de martyrio!...

UM PROLOGO

Abriram-se-me, internas,
No mar dos meus pensares,
Em brancos nenuphares,
As lyricas modernas.

Deslisem, sempre ternas,
Da foz dos teus olhares,
Em torrencias eternas
Os limpidos cantares !

Se um coração de maguas
Partir-se contra as fraguas
De uns grandes amuletos,

Recebe-o nos teus braços
Desfeito em estilhaços
De murmuros tercetos.

THERMAS DE LUZ

Vou sagrar-te novo canto,
Enxerto de vinha santo,
Que medra em meu coração...

Des' que teus olhos me entornas
Só bebo por essas dórnas
O vinho d'uma illusão.

Quando a tormenta do vicio
Rugia como um flagicio,
O' deusa, sob teus pés...

Appareceste-me, e logo
Eu cri na sarça de fogo
De que falava Moysés.

Eu me despira de tudo;
Vivia fechado e mudo
Como a abobada dos céos...

E minhas crenças enfermas
Banhei-as nas tuas thermas
E saturei-me de Deus.

Piscina dos meus luares!
Rolem da foz dos olhares
Meus banhos aos seios nús...

E' tempo, sinto-me exangue,
O corpo banha-se em sangue
Se as almas banham-se em luz.

Em meio da noite feia,
Tive sêde — saciei-a,
Transviei-me — foste o bem...

Mas agora, a uma luzerna,
Não lobrigo uma taverna
E tenho fome também.

Hoje diz-se de meu nome:
— E' um ébrio que tem fome,
Dão-lhe vinho e pede pão... —

Des' que teus olhos me entornas
Só bebo por essas dórnas
O vinho d'uma illusão.

A' MARGEM DA CORRENTE

Se como um rio o teu olhar me alaga
Toda a minh'alma inunda de esplendores,
E eu deixo-me levar ao tom da vaga,
Cantando a barcarola dos amores,
Como as cheias do sul de plaga em plaga
Ilhas de cantos, passaros e flores!...

Todo meu ser exulta no delirio
De uma alegria doida, inconsciente!
Uma illusão já morta — brota um lirio,
Tudo que vejo — um céu resplandecente!...
Espinhos, maguas, dores e martyrios
Vão-me ficando á margem da corrente.

FALAM AS FLORES

I

Nós somos as mensageiras
Dos beijos do teu amigo.
D'essas estancias ligeiras
Nós somos as mensageiras.
Depõe-nos nas jardineiras
E ficaremos contigo . . .
Nós somos as mensageiras
Dos beijos do teu amigo.

II

São aves estas chimeras
Com fórmãs de *trioletes*.
Pipilam nas primavéras,
São aves estas chimeras.

Vêm em bando das esferas
Para cantarem-te aos pés...
São aves estas chimeras
Com fórmãs de *triolet*s.

III

Possuem as azas d'ouro
Das phantasias aereas.
As *aves* têm seu thesouro,
Possuem as azas d'ouro.
Voaram cantando em côro
As tuas fórmãs ethereas...
Possuem as azas d'ouro
Das phantasias aereas.

IV

Douraram-se aquellas pennas
Nas penas que o fazem triste.
Nas suas maguas serenas
Douraram-se aquellas pennas.
Não são alegres apenas
Porque de dôr o vestiste...
Douraram-se aquellas pennas
Nas penas que o fazem triste.

V

Não deixam o pó dourado
Das azas sobre o teu rosto.
Não querem vêl-o nublado,
Não deixam o pó dourado.

Por não vel-o maguado
De tristíssimo desgosto,
Não deixam o pó dourado
Das azas sobre o teu rosto.

VI

Voltai, canções desoladas,
Ao vosso ninho de dôres.
Se não lhe trazeis risadas,
Voltai, canções desoladas.
No peito das bem amadas
Melhor assentam as flôres . . .
Voltai, canções desoladas,
Ao vosso ninho de dôres.

LOURA E BRANCA

I

Loura e branca, de lirio na brancura
Parece filha d'um pincel divino!...
A gente, ao vê-la, lembra-se de Urbino,
Tem impetos de pôr-lhe uma moldura.

Um garbo de velhice prematura
Nevou de leve a coma d'ouro fino...
Meneio e gesto languido e felino,
Firme e correcta a linha da cintura.

Não sei quem fez d'aquillo um ser humano!
Sanzio, juntando um resplendor de aurora,
Faria a *estancia* de seu genio ufano!

Dante... não sei o que faria agora;
Mas Virgilio se a visse, o Mantuano,
Fazia a Deusa que minh'alma adora!...

II

Eleva-me, arreбата-me os sentidos
Se a vejo ou se a contemplo um só momento!
De seu passo o mais leve movimento
Echôa como um canto em meus ouvidos.

Ouço-lhe as fórmãs, n'um deslumbramento,
A sonata do bello; e nos rugidos
Da cambraia e do linho dos vestidos
Vibram accordes de acompanhamento.

Todo seu corpo musical e adórnos,
Na cadencia d'um rythmo que embala,
Estrugem na harmonia dos contórnos!...

Caminha! — e o canto unisono trescala,
Como por noites de languores mórnos,
Toda a volupia d'um luar de opala!...

NOCTURNO

Como nas lendas do Rheno,
O luar das noites claras
Desvenda-lhe as fórmulas raras
E a cabelleira de luz...
Quando ella surge-me em sonhos
E' como as vagas ondinas
Que vêm por entre as neblinas
A' flôr dos lagos azues.

E como as leves Walkirias
E as Korrigans da Bretanha,
E' loura como a Allemanha
E branca como o luar...
O sol que bate nos mares
Fazendo-os de verde louro
Tingiu-lhe os cabellos d'ouro
E os olhos de verde-mar.

A apparição dos meus sonhos,
E' como a sylphide núa
Que baila ao clarão da lua
Por entre as brumas d'um véo . . .
E descem-lhe os fios d'ouro
Ao longo das fórmas bellas
Como, ao luar, das estrellas
Descem os raios do céo.

Fluctúa em lucidos giros,
Avulta, cresce e desmaia,
Como a vaga que se espraia
Sobre as arêas do mar . . .
E como a vaga fugace,
Desfeita em flócos de espuma,
Paira no ar uma bruma
Doirada pelo luar.

E como as visões do Rheno,
Ao luar das noites claras,
Desmancham-se as fórmas raras
Pelas miragens azues . . .
E da visão de meus sonhos,
Como das vagas ondinas,
Pairam no ar as neblinas
Sob a ironia da luz.

NEVROSE

Nessa tristeza morbida, secreta,
Que te afugenta as sombras do repouso,
Eu vejo a hypocondria, a febre infecta
—Florescencias do pantano do gozo.

Por uma noite de luar repleta,
Eu, comtudo, quizera, fervoroso,
Sentir pulsar esta paixão discreta
No bronze do teu seio tormentoso!

Depois... morrer! beijando como o pária
Na liça da peleja sanguinaria
A mortalha de lôdo em que se cóse!

És o perfume negro, a flôr do pasmo,
Que no silencio morno do marasmo
Faz-me sonhar os éstos da nevrose!...

A MULHER QUE RI

Podeis descer ao circo, esplendida senhora!
Ali, onde o prazer estridulo começa,
Onde revive a farça, onde estrebucha e cessa,
Foi que Gwinplaine riu, o titere que chora.

O riso que entre-abris como u'a flôr sonora
E' um riso farçal, artistico, Condessa.
Differe: o lord tinha a mascara da peça,
E vós trazeis no rosto a mascara da aurora.

Podeis transpor, comtudo, ó fina flôr de gaze!
Ao salto, ás ascenções aereas do funambulo,
A rima de punhaes do circulo da phrase.

Transponde! as multidões saúdam-vos no plectro,
Transponde! a maldição do ultimo noctambulo
Faz estrugir de longe o látego do metro!

DAMA DAS CAMELIAS

Gautier, essa heroína,
Abafas no teu craneo
O tumultuar titaneo
De uma paixão divina.

E, rapido, instantaneo,
Como a explosão da mina,
Represo amor fulmina
O teu viver insano.

Depois... desfolhas, calma,
Um riso agradecido
Às flores da ovação...

E' quando dentro, n'alma,
Irrompe-me incendiado
O fogo da paixão.

A MINHA DOR

Silencio, ó minha Dôr, que alguém te não aviste
As lagrimas fataes.

A' noite iremos sós colher um riso triste
A' diversão dos mais.

Como ao prazer, ha-pouco, eu dar-te-ei o braço
E iremos como os bons
Ao circo hoje assistir á estréa de um palhaço
E não sei quantos *clowns*.

E como importas muito, ou viva, ou morta, ou salva,
Aos pezames gentis,
Irás vestida á moda, a pasta á Marialva
E á *boutonnière* um liz.

Que tu és sempre má! laceras cruelmente
Uns pobres corações,
E ficas a pensar que vai chorar-te a gente
A rir dos histriões!...

Depois ao *restaurant!* E como és nova e féra
E eu não te sagro amor,
Lá poderás lançar o pomo de Cythéra...
Eu te conheço, Dôr!

Esperam-te talvez as seducções do vicio,
Os tremedaes do mal,
Eu sei, tu prézas muito a vida entre o bulicio
Ao choque do crystal.

Embora um ideal completo em ti não sonhe,
O' Dôr, tu podes vir...
Em frente a uns seios nús e um calix de Bourgogne
Tu saberás sorrir.

Já não és mais a vil que conduzia á morte
Os cerebros *blazés*,
És um acinte ao tom, e como a moda o córte,
Eu mudo-te, bem vês.

ESTUDO ANATOMICO

(A ALUIZIO AZEVEDO)

Entrei no amphitheatro da sciencia,
Attrahido por méra phantasia,
E aprouve-me estudar anatomia,
Por dar um novo pasto á intelligencia.

Discorria com toda a sapiencia
O lente n'uma mesa onde jazia
Uma immovel materia, humida e fria,
A que outr'ora animara humana essencia.

Fôra uma meretriz; o rosto bello
Pude timido olhal-o com respeito
Por entre as negras ondas de cabello.

A convite do lente, contrafeito,
Rasguei-a com a ponta do escalpello
E não vi coração dentro do peito!

O ELDORADO

(PÖE)

Sobre um corcel, no tranco,
Armado ponto em branco,
Um cavalleiro andante enamorado,
Moço, bello e jocundo,
Ia vagando o mundo,
A' procura da terra do Eldorado.

Depois que o cavalleiro
Correra o mundo inteiro,
Exhausto e fatigado,
Chegára ao fim da vida,
E nem signal de terra promettida,
Nem sombra de Eldorado.

Mas seguia sosinho,
Quando encontra, a caminho,
A Sombra de Ashaverus Rebellado:
— O' Sombra que me ensombra,
Onde é que fica, Sombra!
A decantada terra do Eldorado?!

— O Eldorado é na Lua,
E a minha sina a tua:
(Era todo sarcasmo o Rebellado!)
Dá-me, pois, a garupa,
E a galope!... Upa, upa!
Que já se avista a terra do Eldorado!...

SPLEEN

(BAUDELAIRE)

Sou como certo rei de um paiz tenebroso:
Livre e moço, porém, tão refractario ao goso,
Que tudo o enoja, tudo! amantes e cavallos,
Trens de recreio e cães, mordomos e vassallos.
Nada o póde alegrar: nem mesmo, ao abandono,
Vêr o povo morrendo á fome aos pés do throno.
Do Bobo jovial a graça mais picante
Não desenruga a fronte ao misero reinante.
No seu leito, que é como um céu flordelisado,
O typo de mulher mais bellamente ideado,
Trazendo á flôr do labio o encanto mais faceto,
Nem sequer faz sorrir esse pobre esqueleto.
Tudo procuram, tudo! os medicos da côrte
Para arrancal-o, em vão, desse torpor de morte.
Dão-lhe banhos de sangue, esses banhos de Roma
Famosos; e elle sempre em estado de coma.
No seu corpo real, da lividez dos fetos,
Circula, em vez de sangue, a agua verde do Lethes.

PRELUDIO

Poeta, em meio á dor que geras
Ouves acaso o coração?
Ah! tu, vidente de outras eras,
Vives no mundo da illusão;
Ouves o canto das espheras,
Ouves a voz da solidão,
Mas nunca ouviste, e o não souberas,
Cantar esse orgam da paixão!
Não dês ouvidos a chimeras,
Vem escutar meu coração.

O HORIZONTE

Vi-o passar esbaforido
Correndo em busca do horizonte;
Vinha de longe, combalido,
Suada em perolas a fronte.
“Pára, gritei, vaes illudido!”,
Mas vi-o ir de valle a monte,
E apoz o vi inda esbatido
Em silhueta no horizonte
Sumir-se longe esbaforido,
Correndo em busca do horizonte!

OS PASSAROS

O passaredo no arvoredos
Trinava gárrulo e contente.
Ao presentil-os em folguedo
Cessaram todos de repente.
Passei e ouvi-os em segredo
Entredizerem brandamente:
“Um diz-se sabio, outro eminente,
Este é poeta e, seriamente,
Pensa que canta, ai, que arremedo!„
E ria, ria doidamente,
Mas á socapa o passaredo.

O CORAÇÃO

Talvez incrível, mas um dia
Abandonado á solidão
Encontrei *um* que na agonia
Comia vivo o coração
“ Que tal te sabe essa iguaria,
Amigo ? „ disse-lhe, e elle então :
“ Sabe-me a fel (elle o mordia
Com appetite de glotão)
Sabe-me a fel, e todavia
E' para mim uma ambrosia,
Pois é meu proprio coração ! „

ADEUS!

Terras da patria. " Adeus, Adeus,
Terras da patria!...," E num momento
Não vimos mais que mar e céos.
Mas, nesse instante, a voz do vento,
Como acenando num lamento,
Chegou dizendo, " Adeus! Adeus!...,"
E desde então, desse momento,
Não mais fitei o mar e os céos
Que não ouvisse a voz do vento,
Como acenando num lamento,
A soluçar no mesmo acento,
" Adeus! Adeus! Adeus! Adeus!...,"

A BOLA DE OURO

I

No céo que lucido scintilla
Vejo uma immensa bola de ouro
E determino possuil-a.
Escalo o céo ; ora de rastro,
Ora de pé, vou de astro em astro,
Até que chego á bola de ouro,
E ponho a mão ; mas, ao sentil-a,
Desencantou-se-me o thezouro :
A bola de ouro era de argilla.

II

No céo que lucido scintilla
Deixo ficar a bola de ouro,
Sem mais pensar em possuil-a,
E, ora de pé, ora de rastro,
Alcanço a terra, de astro em astro.
Fito de baixo o meu thezouro,
E, em vez de ver a mesma argilla,
Eil-a que lucida scintilla:
Era de novo a bola de ouro!

A MINHA ESTRELLA

Fiz a viagem das estrellas;
Era um espirito o meu guia;
Fui, de uma em uma, a todas ellas
Por céos em fóra, e tantas via
Quanto extasiava-me de vêl-as,
Cheias de luz e louçania,
Todas tão lucidas e bellas,
Brilhando todas á porfia;
Té que parámos numa dellas,
Mansão inhospita e sombria.
“Esta não brilha como aquellas,
Leva-me d’esta, disse ao guia.”
Mas elle: “Como! então que anhelas?”
“Leva-me, leva-me, insistia.”
“Ah, filho ingrato! pois entre ellas ...
Não n’a conheces, esta fria

Mansão que gira em meio dellas?!
Já que na tua astronomia
Não aprendeste a conhecê-las,
Digo-te então que esta sombria
É tua mãe entre as estrellas:
Esta é a terra, disse o guia! „

PARAPHRASE A C. FLORES

Sondae a terra... no seu ventre afflicto
Revolvei-lhe o recondito thesouro;
E, envolto nas agruras do granito,
Encontrareis o Ouro.

Sondae o mar... no seu profundo arcano
Agita-se a gemer a vaga querula;
E fundo, bem no fundo do oceano,
Encontrareis a Perola.

Sondae o céu... a noite o sobreleva
De treva espessa, que não ha rompê-la;
E fundo, bem no fundo dessa treva,
Encontrareis a Estrella.

Sondae o coração... no paroxismo
Ou no transporte, entrae, mergulhador!
E á tona ou bem no fundo desse abysmo
Encontrareis a Dôr.

A VENUS DE WASHINGTON

Era princeza e vinha da Allemanha.
Loira, de olhos azues e olhar sereno;
Era a belleza altiva mais estranha
Que jamais, nunca! vira o céo do Rheno!

Bella, d'essa belleza extraordinaria,
Que uma arte composita... nem pintura,
Musica, poesia ou estatuaria,
Poderia copiar-lhe a formosura!

E que pincel divino ou que palheta
Iria nunca reviver na téla
Aquelles cilios côr de violeta,
Emmoldurando o azul dos olhos d'ella?

Que Bellini ou que magica batuta
Transformasse-lhe a voz em cavatina!
Quem iria arrancar á pedra bruta
Aquelle torso e fronte leonina?

E que poema, cantico ou ballada,
Inda de Goëthes, Klopstones, Múrgers,
Ia cantar-lhe a coma encapellada
Como a floresta em chamma de Walpurgis?...

Era princeza e vinha da Allemanha!
Loira, de olhos azues e olhar sereno;
Nunca belleza altiva mais estranha,
Nunca medrara sob o céo do Rheno!

Quando ella entrou do Capitolio as portas
Resplandeceu de Washington a Estrella!
E o velho marmor das legendas mortas
Como que se animava para vel-a!

De cada heróe, fitando-a de seu throno,
Parecia-me ouvir em cada solio:
—Se essa que vinha perturbar-lhe o somno,
Era Venus que entrava o Capitolio!?

Era princeza e vinha da Allemanha!
Loira, de olhos azues e fronte homerica;
Era a belleza altiva mais estranha
Que tambem nunca vira o céo da America!

MADRIGAL

Tenho mil linguas, diz-se em toda a parte,
Mas 999
São só para cantar-te,
A milesima, pobre! não se move,
Porque não sabe a arte
De dizer a mortaes o que a commove.

AO LARGO

Mulher ou visão homérica
Das minhas rimas esquiva,
Filha esplendida da America
E, como a America, ativa!

Loura estrella radiante,
Que vem talvez do Cruzeiro
Guiar o meu passo errante
Sobre outro sólo estrangeiro!

Detem-te em teu gyro, pára!
Contempla este sol intenso, —
Fita este oceano, repara
No azul d'este céo immenso!

Vês no fundo do horizonte
Estas altas cordilheiras,
Onde á tarde o sol a fronte
Vae repousar das soalheiras?...

São do Brazil estas zonas ;
E, como é grande entre os grandes,
Pol-o Deus entre o Amazonas,
O Prata, o Oceano, os Andes . . .

Tem as grandezas estranhas
Entre as grandezas mais bellas :
No ar, nos rios, nas montanhas ! . . .
No mar, no céo, nas estrellas ! . . .

Pois estas infindas plagas,
Onde a minha alma fluctua,
Cantando ao rugir das vagas,
Chorando ao clarão da lua,

Todas estas maravilhas,
Quando veremos os dois ? . . .
Chegaremos ás Antilhas
E á tua patria depois . . .

Entretanto em tua fronte
Ha um quê d'esta paragem !
Muita luz d'este horizonte,
Toda a côr d'esta paizagem . . .

Tão bella assim, quem me déra,
Sob outro hemispherio azul,
Que fosses tu a chimera
Que, doido, deixei no sul ! . . .

Loira estrella radiante,
Tu vens talvez do Cruzeiro
Guiar o meu passo errante
Sobre outro sólo estrangeiro ! . . .

PORTICO DE ALBUM

Este livro é o templo immenso
De uma nova liturgia,
Onde o louvor é o incenso
E a canção a litania.

Coube-me dar o exemplo
Da devoção inicial;
Mal chego á porta do templo,
Benzo-me: *Pelo signal*...

Sacudo á entrada a sandalia,
Rebôa o *Te Deum* contrito...
A agua benta é da Castalia,
A rima é a hostia do rito.

Ajoelho-me reverente
Diante do idolo amado,
Porque o poeta é o crente
E a irreverencia o peccado,

E começo dando o exemplo
Da prece fervorosissima
A' padroeira do templo,
Annita, a Virgem bellissima.
